

JOSÉ MARIA ALVES

**AFORISMOS
E
REFLEXÕES
I**

WWW.HOMEOESP.ORG

Ao louco tudo é permitido, mesmo a verdade. Por tal motivo, quando alguém brande o aguçado e acutilante punhal da verdade, apelidamo-lo de louco.

Quando olho o mundo, minado de miséria, de ausência de caridade e compaixão, lembro-me das palavras de S. Jerónimo (345-420): "Vivemos como se fossemos morrer amanhã; mas construimos como se tivéssemos de viver sempre neste mundo. As nossas paredes fulgem de ouro, como os nossos tectos e os capitéis das nossas colunas; mas Cristo morre às nossas portas, nu e faminto na pessoa dos seus pobres."

Nas basílicas e igrejas, nas próprias casas dos devotos acendem-se velas aos santos e à Virgem durante o dia. De que lhes serve o acréscimo de claridade se o Sol ainda é visível e a noite não desceu sobre nós? Acendei antes, estultos e asnos, a vela da caridade.

A multidão é um rebanho, cujo assentimento a opiniões e doutrinas é um erro tão calamitoso quanto a tendência para se proteger de tormentosa trovoadas debaixo da copa de frondosa árvore.

Há aparentemente três tipos de homens: os que necessitam de ser regrados com agulhões, aqueles a quem tem de ser posto um freio e os condutores de carruagem.

Prefiro os insanos aos catedráticos, políticos e poderosos. Até os sem-abrigo lhes merecem a precedência.

Falamos de progresso e aumenta consideravelmente o número de adivinhadores e o de gente "cultas" crédula em encantamentos, possessões demoníacas, amarrações. Estranho progresso este.

A degradação de uma nação pode ser avaliada pela análise estatística da oferta de bruxos e prostitutas.

Vivemos um tempo de ignorância. Mais ignorante do que aquele que não sabe, é o que efectivamente não sabe e julga saber, sem que se esforce no sentido do conhecimento.

Dos doutos, são os juristas os maiores asnos, sem que olvidemos os teólogos a quem Erasmo chama camarilha de erva infecta.

Descartes começou por procurar a verdade nos livros, nas obras consagradas e incontestadas de eruditos famosos. Não satisfeito, percorreu mundo, buscando a sabedoria no Grande Livro da Vida. Mas, as mesmas contradições dos filósofos, julgou encontrá-las na vida. A partir daí, decidiu investigar a tão almejada verdade em si mesmo, por intermédio do seu pensamento, fazendo ou pretendendo fazer tábua rasa de tudo o que havia aprendido. Julgava que a razão ou bom senso, é o poder de bem julgar e distinguir o que é verdadeiro do que é falso.

Morreu em Estocolmo em consequência de rigorosa invernia sueca, com cinquenta e quatro anos, tendo sido sepultado no cemitério das crianças que faleceram antes de ter atingido a *idade da razão*.

Ironia ou o ensinamento de que a verdade é propriedade dos "inocentes" e não de racionalistas?

Quem ama vive mais no que ama, do que em si.

O maior dos ignorantes é o que se cegamente se conforma à opinião da maioria, seguindo a multidão, tal ovelha em rebanho bem ordenado, que não cria nem vive por si, mas vegeta em proveito do seu dono.

Só pode haver afeição quando as muralhas do *ego* forem derrubadas.

Não sou rico, tenho apenas os bens de que necessito e moeda para algumas aquisições supérfluas. No entanto, a minha "riqueza", é uma excepção comparável aos ventos alísios que enfunam as velas na travessia do Atlântico, nos quais a menor brisa não está corrompida por ventos alheios, causadores de prejuízo e indefinição de rumo.

A nossa pátria é o mundo. Somos cidadãos do Universo.

Todos desejam uma vida feliz. Mas, os caminhos propostos são tortuosos e enganadores. Pululam falsos mestres entre o Oriente e o Ocidente, de palestra em palestra, tais baratas tontas na perseguição do lucro fácil apadrinhado por incautos. Poderão cegos conduzir outros cegos?

Um abade beneditino, sujeito aos votos de pobreza, obediência e castidade, terá confessado: "O meu voto de pobreza presenteou-me com cem mil coroas por ano; o meu voto de obediência deu-me o estatuto de príncipe soberano." Ter-se-á esquecido de realçar as consequências do voto de castidade?

A maior parte das coisas que nos inquietam são ilusórias, produto das nossas fantasias.

Tal como Curius, na famosa resposta a Marcus Catão, afirmo que preferiria sempre comandar um exército formado por milionários, a ser milionário. A minha relação com o dinheiro e com o luxo, não é das melhores, mas não os rejeito.

Mudar criteriosamente de opinião, mesmo que bastas vezes no mesmo dia, não é servidão, mas abertura de espírito.

O ignorante por excelência, domina esta sociedade travestida de valores fictícios, onde as leituras preferenciais são as revistas cor-de-rosa e os jornais dos borra-botas ou jornais desportivos.

As crendices da população são espantalhos que destinamos às crianças.

“Como são mesquinhos esses pigmeus enfronhados na política e a julgarem-se grandes filósofos! Ranhosos idiotas!” (*Marco Aurélio, Pensamentos*)

O político tem duas línguas, raramente dando uso à primeira. Esta serve-lhe para exprimir a verdade, enquanto que a segunda é serva da oportunidade.

O néscio vive em função da opinião pública.

Vivemos numa sociedade violenta. É um facto indesmentível. No século XX, apenas duas guerras, a de 14-18 e a de 39-45 fizeram cerca de setenta milhões de vítimas – *a maior parte oriunda da segunda*. Para além destas, como se não bastasse, assistimos a um desfilar de crimes terríveis, a imagens chocantes de inocentes que morrem por carência dos bens mais elementares nos países do terceiro mundo, enquanto os seus dirigentes, verdadeiros criminosos, ostentam uma riqueza manifestamente ofensiva, com a cumplicidade dos representantes dos Estados ditos desenvolvidos.

Somos violentos e cobardes, interesseiramente cobardes. O que é que fazemos para nos opor a tanta miséria e

criminalidade consentida? As nossas vozes erguem-se tão somente quando as injustiças se reflectem nas nossas vidas de modo imediato ou mediato, mantendo-nos passivos enquanto não formos objecto do mal que assola tragicamente um mundo feroz e canibalesco.

Os infelizes são os que traçam caminhos e impõem a si mesmos objectivos na direcção da felicidade. Desesperados são os que permitem que gurus viciosos os transformem em macacos e papagaios.

O brilho exterior da opulência é a escuridão da alma.

A vida, o estilo, os princípios das organizações religiosas, não estão na dependência do espírito dos seus fundadores. Cristo, e mesmo Paulo, arrepiar-se-iam se lhes fosse dado assistir ao triste espectáculo de opulência e hipocrisia com que a Igreja de Roma nos presenteia.

O sofrimento psicológico não é fruto de factos exteriores, mas do julgamento e interpretação daquele que padece.

Berkeley, foi um dos primeiros filósofos, que considerou que os objectos percebidos pelos sentidos só têm existência enquanto representados no nosso espírito, ou seja, não têm realidade independente da nossa percepção. Intentou demonstrar a inexistência da matéria, nada existindo no mundo, no seu entender, para além do espírito e das ideias. No entanto, afirma que as coisas existem sempre como ideia no espírito de Deus.

Para os filósofos idealistas, todo o pensamento, seja daquilo que for, é uma ideia na mente do pensador. Por tal motivo, só as ideias na mente podem ser pensadas – *a matéria é contestada, conquanto desunida do espírito de modo intrínseco.*

Poderia pensar-se que o filósofo nega em toda a sua amplitude a existência real dos objectos e dos seres percebidos. Parece-nos que não, já que sendo ideias no espírito de Deus, têm a sua realidade determinada por este facto.

De qualquer modo, suponhamos então, que não me é permitido duvidar dos meus sentidos – *embora lhe reconheça limitações substanciais na distinção possível entre aparência e realidade, já que a maior parte dos objectos da nossa percepção, surge-nos não como “realidade”, mas como “aparência”* –, ou melhor dizendo, dos dados por estes obtidos. Sei assim, que a lagoa do cimo da montanha existe, e que não deixa de existir quando uma nuvem espessa a toca com suavidade no seu movimento descendente, fazendo-a desaparecer aos meus olhos. Não obstante, esta lagoa que vejo não é a mesma para mim e para todos os que comigo estão. Surge-nos como consequência da perspectiva – *em função do nosso posicionamento nas suas margens* –, que por seu turno se alia à reflexão da luz para criar uma determinada imagem ou ideia específica.

A democracia é uma consequência da inveja.

O ciúme pode ser considerado uma forma particular de inveja. Dela difere em substância. Incita-nos a preservar o que com legitimidade pensamos possuir. Apesar de ser um sentimento negativo, surge bastas vezes com o objectivo prático de conservação da posse de uma determinada pessoa. Pena é, que seja destrutivo e que contrarie o amor na sua essência: em bom rigor, onde há ciúme não pode haver amor.

É nutrido por qualquer acontecimento ou ilusão. Nasce e cresce em qualquer ambiente propenso aos pensamentos que removem incessantemente um cérebro agitado. Por vezes, na maior parte das vezes, são dúvidas que se apresentam ilusoriamente, mas se assumem como quase verdades. Enquanto não se transformarem em inequívocas certezas, viverão consumindo o ciumento.

A aversão ao sofrimento já é por si padecimento por antecipação.

Em certas ocasiões, vestir as roupagens da loucura, é sinónimo de sagesa.

A mulher, em regra, mesmo que o pretenda dissimular, não consegue esconder o maior objectivo da sua vida: agradar aos homens. Senão, que necessidade teria de tantos enfeites, perfumes, produtos cosméticos, e de se vestir de forma tão chamativa? Acreditaremos nós, que como muitas afirmam, apenas pretendem agradar a si mesmas? Não quererão na sua toleima fazer de nós tolos?

O melhor dos homens, com as suas irrepreensíveis virtudes, é também capaz, de em determinadas circunstâncias, ser portador dos maiores defeitos.

A sabedoria é a constatação da nossa ignorância, da incognoscibilidade das questões metafísicas e da sua inevitável aceitação.

A nossa vontade é débil. Vivemos numa sociedade letárgica e abúlica. Preferimos declarar a impossibilidade de execução dos projectos que idealizamos a reconhecer a nossa fraqueza.

Nada existe na natureza que não seja motivo de espanto.

Quanto mais e maiores forem as limitações éticas ao sexo, maior será o desejo sexual. A nossa época padece de anorexia sexual, conforme demonstrado pelas estatísticas, que para ser curada só tem um remédio: fazer com que o sexo volte a ser "pecado".

Muito tolo fica o homem quando apaixonado.

Há uma estranha afeição natural entre os velhos e as crianças, e isto, porque "os deuses comprazem-se em unir os semelhantes".

Perguntamo-nos o que é o bem, quais as suas qualidades, qual a sua essência, e respondemos pela negativa: há bem onde cessa o mal. Mas, o bem não é o oposto do mal. O bem começa onde cessa o pensamento. Quando tal ocorre, desaparecem os contrários, o justo e o injusto, o que está certo e o que está errado.

O que é o bem? Será o contrário do mal? E o que é o mal? O peixe que hoje comi ao almoço foi um bem ou foi um mal? Um bem para mim, para a minha sobrevivência e um mal para a sua existência, limitada pelo meu desejo ou necessidade alimentar. A água do mar serve aos peixes,

mas não é potável nem permite que os humanos respirem. É boa ou má?

Àquele que é dado observar o presente, não há nada que não tenha visto.

Tudo o que é humano é efémero.

Geração após geração sepultamos a fama, a glória e a erudição.

Dizem: Buda e Sócrates são lembrados há 2500 anos, Jesus há 2000 anos. Facto notável, tendo em vista a brevidade da vida humana. Mas, que são 2500 anos relativamente à idade do Universo? E ao seu previsível futuro?

Tudo é efémero!

O Universo é dança e combate.

A avareza pode fazer com que o avarento, em momento de urgente transformação se converta num pródigo. O contrário também é verdadeiro. Já vi um pródigo transformar-se no maior dos avarentos. Os mecanismos psicológicos que causam tais alterações, são na maioria dos casos insondáveis.

Pessoas tidas por desapegadas, solidárias, fraternas, apenas o são na aparência. Uma simples, mas arguta empregada doméstica disse-me que avaliava os patrões pelo guarda-roupa: pela incapacidade dos seus proprietários em doarem a maior parte das vestes que se limitam a apodrecer em armários e velhas malas.

Os que pela paciência trilham lentamente um caminho sinuoso, avançam mais, do que aqueles que movidos por impetuosa impaciência se aventuram em sucessivos atalhos.

O recalçamento não respeita única e exclusivamente às ocorrências penosas da vida. A escolha do material recalçado não é tão selectiva quanto os psicanalistas querem fazer crer. Recalcamos, quer o bem quer o mal.

Muitas das vezes, os que aparentam sabedoria são mais insensatos do que crianças.

Um político labrego, será sempre um labrego. Quando muito, um labrego que com o tempo aprenderá a arte das palavras melodiosamente falsas.

O ignorante tem a detestável tendência de imputar a origem da sua infelicidade aos outros.

O homem que se começa a conhecer, imputa-a a si mesmo.

O sage, nem a si, nem aos outros.

A mentira se é um mal, não deixa de ter motivos que a justifiquem em determinadas circunstâncias, ou seja, quando previna um mal maior do que ela mesma.

A família é hoje uma instituição completamente desorganizada, com brutais conflitos de relacionamento.

Aceitar o presente é vivenciar o tempo. Presenciar o "agora", que não é passado, presente ou futuro, é penetrar nos insondáveis mistérios da eternidade.

Se o instante que se vive é infinitamente pequeno, então, que se faça eternidade.

Em bom rigor, a sabedoria entendida como conhecimento, tem muito pouco valor. Apenas quando reconhecemos a nossa ignorância, como o fez Sócrates, terá alguma valia.

O louco tem entre muitas outras apreciável virtude: a de dizer o que à cabeça lhe vem, sem a intervenção da ditatorial censura.

William Blake, viveu na solidão. Mas, tinha um carácter excepcional, algo que lhe permitia sobreviver sem convivência. São muito poucos os homens que têm a preciosa aptidão de se bastarem a si mesmos. A "multidão" não consegue estar só; desespera, deprime-se, e chega ao extremo de se suicidar.

São de Blake os versos que se seguem:

*O único homem que conheci
E que não me causou náuseas
Foi Fuseli: era ao mesmo tempo turco e judeu.*

E, assim, caros amigos cristãos, passem muito bem.

O sage só se basta a si mesmo, se a solidão não tiver como consequência a perda da paz.

A compaixão nem sempre é misericordiosa. Uma das vezes é autocompaixão, outras, táctica de conquista de afectos, e, raramente, acto de amor gratuito. Vaidade, indolência, medo, fraqueza, e desejo de aprovação estimulam-na.

Extensos tratados teóricos fundamentam doutrinas de tolos, cidadãos de segunda, que buscam na complexidade a afirmação e uma pretensa superioridade que nunca lhes seria concedida por mérito próprio.

Dizemos que aquele homem pecou. Mas quem nos garante que efectivamente pecou? Que juízo é tão infalível, que o possa afirmar sem hesitação?

Os jovens mais dotados são os que mais sofrem no período da adolescência.

Não tomes a peito mais tarefas do que as que podes realizar, sob pena de ansiedade e inquietação.

Como diz Erasmo, há sacerdotes que compreendem a sua confissão às avessas, melhor tolerando grave blasfêmia contra Cristo, do que leve afronta ao papa ou a um qualquer príncipe, muito em especial, quando a estes lhe devem o pão que comem.

Há algumas gerações atrás, às mulheres, no plano sexual, era ensinado que se haviam de comportar em conformidade com o conceito então vigente de pureza. Este comportamento, levava-as nalguns casos ao recalçamento voluntário do prazer e noutros ao seu afastamento involuntário, ou se se quiser, inconsciente. Hoje, o panorama modificou-se substancialmente. Com isto não queremos dizer, que a época seja de destruição do sentido moral, mas antes da aniquilação de uma moral tendencialmente supersticiosa e danosa que nos foi inculcada na infância e agora substituída por imperativos pessoais anárquicos.

A inveja é fonte de infelicidade. De todos os sentimentos negativos, é um dos mais negativos. O invejoso não só deseja a desgraça do invejado, como também sofre atrozmente por via do seu próprio desejo de possuir o que outrem possui.

Aproxima-se da perfeição moral aquele que nos actos do quotidiano age como se fosse a última vez.

Quando vejo discursar com serenidade a maior parte dos políticos e seus aprendizes, intuo de imediato a sua imensa ansiedade, mas nunca algo que se assemelhe ao sentimento de culpa. Submetidos a intenso treino de aparência, ardem de inquietude no seu íntimo, enquanto o

exterior se parece às plácidas águas de um lago. No entanto, à menor brisa, as águas movimentam-se e as ondas desfazem-se abruptamente em rebentação destruidora. O treino a que se submetem, não obstante os possa trair no que toca à correspondência das palavras e intenções, é plenamente eficaz na inibição de censura à falta de integridade.

O mal que praticamos é a nós que retorna. Por vezes, nem chega a abandonar a nossa alma.

A excentricidade é uma reputação normalmente adquirida por espíritos dotados de uma razão e perspicácia superiores, e que lhes é atribuída pelos homens vulgares como forma de defesa contra uma espontaneidade que é tida como provocação. Tudo lhes é permitido, mas não é valorizado.

Prefiro a pobreza a envergonhar-me do que digo ou faço.
Prefiro uma pobreza serena à riqueza na tribulação.

Não quero ser escravo nem dono de ninguém. Para viver, basta-me o essencial.

O homem de bem enfrenta qualquer risco ou afronta em favor da justiça e em detrimento da imoralidade. Opta inclusivamente pela privação da liberdade ou mesmo pela morte, quando o poder instituído o instigue a acatar normas manifestamente injustas. Não corrompe nem se deixa corromper, nem se deslumbra com objectos prestigiantes ou pela fama.

Tudo o que está em conformidade com a natureza é inevitavelmente natural. Daí não ser bom nem mau.

Se nos fosse concedido o dom da telepatia, desapareceriam os amigos. Restaria quando muito o conceito utópico de amizade.

A inveja é uma das causas de condenação de inocentes. Também muitas das difamações injustificadas nascem do seu seio infecundo.

Se perguntarmos ao “mundo” se é ciumento, teremos muitas respostas total ou parcialmente confirmativas. O mesmo se passa com muitos outros sentimentos negativos e mesmo, com certas categorias de actos delituosos. Mas, no que à inveja respeita não consigo encontrar um único, quando essa é a regra de uma sociedade desmedidamente ambiciosa e cruel.

Para Marco Aurélio, o coito não era mais que uma fricção acompanhada de espasmo. Uma espécie de jogo? Uma espécie de nada? Preferimos o entendimento de Russell, “que só têm valor real as relações sexuais em que não há reservas e em que a personalidade completa de ambos se confunde numa nova personalidade colectiva.” – *A Conquista da Felicidade*.

Os adutores são as víboras da inveja.

Quem é que não consegue suportar o mal alheio?
"Pimenta no cu dos outros é mel."

Muito poucos dos que se dedicam à política, por longos períodos, conseguem manter a integridade, a constância e a honra. O homem honrado evita a vida pública.

Tenho maior facilidade em me defender de um ataque desferido por um inimigo, do perpetrado por um amigo.

Os críticos conseguem explicar e interpretar o que os autores das obras desconhecem. São parasitas que se alimentam da criatividade alheia.

O bem só pode florescer quando o padecimento psicológico se extinguir.

Porque é que um pintor receia o julgamento de quem não sabe pintar, o escultor de quem não sabe esculpir e o escritor de quem não sabe escrever? Que sejam enviados para a escola das artes, e depois de consagrados, lhes seja permitido formular opiniões. Antes, devem ser admoestados, tais crianças irrequietas, incitados, quando não, compulsivamente obrigados ao silêncio.

A vida deve ser considerada como um todo, e não observada parceladamente, já que é um fenómeno evado de anarquia.

A vida é uma sucessão de factos. Aceitemo-los tal qual são.

Quem vive para o prazer da carne, das coisas materiais, descuidando a paz do espírito, sucumbirá facilmente ao sofrimento, que sob múltiplas formas assombra a existência do rico e do indigente, do servo e do poderoso.

Prazer e dor estão intimamente ligados. Quando buscamos um, encontramos invariavelmente o outro.

Na vida, o caminho que todos trilham não é o mais seguro, mas o que maiores perigos esconde. Se tiveres de escolher um caminho, escolhe o mais curto, mas não te aventures por veredas desconhecidas, que são em regra, tortuosas e inacessíveis.

Mesmo o tolo, não está totalmente desprovido de razão. Assim, nunca atingirá a felicidade da pedra, da árvore, do rio e do mar.

Uma vida sem autoconhecimento e sem a pura observação de tudo o que nos rodeia, é um desperdício, e como tal não merece ser vivida.

A vida de um homem tem o seu valor aferido pelas suas acções, enformadas pela justiça e pela coragem.
Não se mede em tempo, mas antes, por vivências e pelo bem que a enforma. Assim, o mais importante não é viver, mas viver em conformidade com o bem.
É tão apressada, que a sua maior ou menor brevidade nos deve ser indiferente.

Mais do que viver segundo a natureza, julgo dever viver segundo a minha própria natureza.

Que valeremos nós se não formos úteis a nós mesmos e aos outros, especialmente a nós mesmos, porque sendo-o, sempre o seremos aos que nos cercam.

Quando os prazeres do corpo, em sentido restrito, ocupam a nossa vida, o espírito é lentamente assassinado.

Serei eu quem escolhe o papel a representar no teatro da vida? Ou já estará previamente definido? Ou alguém o está a definir por mim? Seja eu ou não, que o represente com a maior fidelidade possível, é a minha mais solene intenção.

Um advogado experiente, que adquiriu incontestada fama ao longo de décadas, em regra, será um mau juiz.

Russell dizia que pela leitura dos livros dos seus amigos, e pelos seus discursos, era levado a concluir que a felicidade no mundo moderno é uma quimera.

“O segredo da felicidade é o seguinte: deixai que os vossos interesses sejam tão amplos quanto possível, e deixai que as vossas reacções em relação às coisas e às pessoas que vos interessam sejam tão amistosas e tão pouco hostis quanto possam ser.” – *Bertrand Russell, A Conquista da Felicidade*.

O homem feliz, é pois, o que vive com objectividade, com vastos interesses e afeições livres.

A coragem da multidão é o somatório da cobardia de cada um dos seus membros.

A santidade é a observação continuada de nós mesmos e do que nos rodeia.

Mais do que um santo, quero ser um pecador que convive com pecadores, mas com consciência dos meus “pecados”.

Para o iluminado, vida e morte são a mesma face da mesma moeda.

“Cada um vem ao mundo para morrer” (*Marco Aurélio, Pensamentos*). Para entender a morte final, cabe-nos morrer para os acontecimentos do dia a dia, sejam prazenteiros sejam lutuosos.

Não é a morte que devemos temer, mas os julgamentos e interpretações que dela fazemos.

São muitos os pensadores que afirmam não ser o suicídio moralmente permitido.

No *Fédon* platónico, Sócrates questiona-se quanto ao facto de existirem pessoas para quem a vida se tornou num fardo insuportável, sendo a morte preferível à vida, pessoas essas que estão impedidas de prestar a si mesmas, sem impiedade, tal benefício e tenham de aguardar por benfeitor alheio. Mas, duvida que seja razoável que alguém se mate antes que Deus lhe imponha tal necessidade.

“O que espera os homens após a morte, não é, nem o que esperam, nem o que julgam” – *Heraclito de Éfeso*.

Se soubermos morrer em vida, então saberemos o que é a morte.

A vida nasce da morte e a morte da vida.

Os objectos do mundo são sempre novos. A morte é a mãe do novel.

Os homens temem a morte – *excepcionando-se alguns mentirosos que afirmam apenas temer o sofrimento*. Fogem dela como o diabo da cruz. Porquê? Se nunca viveram, porque razão temem a extinção do que não têm nem nunca tiveram?

Podeis matar-me, mas nunca prejudicar-me, como Meleto, Ânito e Lícon não conseguiram prejudicar Sócrates.

O álcool é uma das formas que o homem encontrou para se suicidar temporariamente. Obtém o mesmo efeito pela ingestão de certas drogas.

“Dentro em breve não serás mais do que cinza, que um esqueleto, um nome, ou nem sequer um nome. Um nome: um ruído vão, um eco!” *(Marco Aurélio, Pensamentos)*

Os anos decorrerão, os séculos, os milénios; na impermanência, nem nomes, nem ecos, nenhuma lembrança e tu desperdiçaste a vida em actividades fúteis e jogos infantis.

Muito pouco tempo resta para que esqueça quem fui, quem sou, o que fiz, e o que agora faço. Pouco tempo resta, outrossim, para que o mundo me esqueça definitivamente.

Se morrermos todos os dias para as vivências do quotidiano, poderemos olhar a morte tal como o astrónomo observa o Sol, colocando um filtro na objectiva do seu telescópio.

Aceita a morte quem diz sim à vida em todas as suas vicissitudes.

Para quem “conhece” a morte não há qualquer vantagem em morrer daqui por longos anos em vez de ser hoje ou amanhã.

A vida dos pobres mortais é uma verdadeira comédia, em que cada um exhibe uma determinada máscara e representa um papel específico, quando não vários. Apenas aguardam que o contra-regra ordene que abandonem a cena.

O romano Apicius suicidou-se quando constatou que já só dispunha de dez milhões de sestércios para as orgias que organizava. Do mesmo modo se “suicidam” os ambiciosos, que já estão mortos em vida.

O condicionamento psicológico do juiz, pode fazer com que este se deixe corromper inconscientemente, transformando o que deveria ser justo, num acto injusto de favorecimento ilegítimo. São as chamadas motivações não-judiciais das decisões judiciais.

Quando avaliamos a justiça ou a injustiça, será a opinião da maioria que devemos acatar ou a de um único juiz competente se ele é um só, e se esse somos nós?

Referindo-se à condenação do filósofo Francis Bacon (1561-1626) por corrupção enquanto magistrado, Bertrand Russell refere que nesse tempo a ética profissional dos juizes era bastante frouxa, aceitando quase todos eles dádivas dos litigantes – *de ambas as partes*. Continua afirmando, que se para nós é terrível admitir que um juiz receba presentes, é ainda pior, quando sentencia contra quem os deu – *já que os juizes demonstravam a sua pretensa virtude, decidindo sem se deixar influenciar pelas ditas dádivas*.

Contra-senso! É apenas terrível e eticamente reprovável que um juiz receba presentes.

O homem deveria antes de se dedicar a qualquer empreendimento de valia, ocupar-se de si mesmo. O autoconhecimento é a base da integridade no sucesso.

Quanto mais profundo for o teu autoconhecimento, tanto maior a harmonia do teu espírito.

A paixão que em nós germina, cresce, e que presumivelmente será motivo de sofrimento psicológico, deve ser exterminada à nascença, mas não pelo recalçamento, antes pela escuta passiva.

Não há nenhuma desgraça que o homem seja incapaz de suportar, capacidade que deriva da aceitação da vida, de um sim inequívoco à existência.

O mais excelente dos retiros é o nosso próprio interior, sem a exclusão forçada do que nos é externo.

O amor-próprio é infundável. A sua força intrínseca tem uma energia tal, que gera como consequência o seu contrário, ou seja, a destruição da integridade.

O homem vulgar coloca todas as suas preocupações nos prazeres do corpo, nos seus ornamentos e aparência. Quando deixa de se comprazer ou de poder usufruir das coisas da carne, julga ter esgotado o sentido da vida.

O juramento é um desperdício da dignidade do homem.

A virtude não implica o desprezo pelo prazer, o desejo crónico de aniquilação dos desejos, do medo e do "pecado". Virtuoso é o que com constância se observa a si mesmo, e que tem consciência imparcial da sua verdadeira realidade.

A opinião dos homens vulgares em nada afecta a nossa reputação.

A indiferença que manifestamos no que respeita à nossa reputação, é um passo dado no tortuoso "caminho" da felicidade.

Se alguém que mal me conhece agride a minha honra e consideração num ou dois pontos característicos da minha personalidade ou carácter, dar-me-ei por feliz. O que é que não poderia assacar-me se bem me conhecesse?!

O homem tem medo do conhecido e do desconhecido. Tem medo do próprio medo. Porque razão havemos de temer o que não conhecemos, sendo certo que tanto pode ser um bem como um mal?

Nunca encontrei um homem que não tivesse medo de nada. Existirá tal ser?

A temperança impede que nos deixemos absorver, dominar ou perturbar pelas paixões.

A coragem pode consistir num acto de consequências letais, consequência de um mal maior do que a própria morte. Aí, transforma-se em covardia. E, onde há medo e covardia nunca poderá existir coragem.

A virtude de um homem lê-se nos seus olhos, não nas suas palavras.

A ambição é inesgotável e vergonhosa. As palavras de Sócrates – *Platão, Apologia*, –, são plenamente actuais: “Como é que tu, excelente homem, que és ateniense e cidadão da maior cidade do mundo e da mais famosa pela sabedoria e pelo poder, como é que não tens vergonha de pôr os teus cuidados em amealhar dinheiro o mais possível e em buscar a fama e as honrarias, ao passo que não tomas qualquer cuidado nem preocupação com o teu pensamento, com a verdade e com a tua alma?”

Não é por inexistência de ambição que não conseguimos empreender obras de vulto, mas antes, por inépcia, ignorância e falta de solidariedade.

Quer o sucesso quer a obscuridade têm pouca ou nenhuma importância. A busca do sucesso torna a vida insípida.

Mas, a obscuridade é sempre preferível à fama. A fama transforma-se de estado desejável num odioso, quando afecta a tranquilidade do seu depositário.

Estimo todos os que me permitem viver na obscuridade, entendendo sem hipocrisia a minha opção de vida, que não é falsa modéstia, mas necessidade de paz e serenidade.

Devemos evitar “vender-nos” às paixões.

Incumbe-nos não perder tempo com futilidades por duas ordens de razões: em primeiro lugar, podemos sucumbir à morte em qualquer momento, em segundo, porque quanto mais nos aproximamos desse momento, no inevitável processo de envelhecimento, mais as nossas capacidades denotam enfraquecimento.

Sentimento de culpa e complexo de inferioridade, são emoções que normalmente caminham juntas, transformando a vida do homem num profundo poço de infelicidade.

“Não te faças vagabundo. Não tens nada que reler os teus apontamentos (...) nem os tratados que reservaste para a velhice. Despacha-te no rumo do teu fim, diz adeus às esperanças vãs e vem em teu auxílio, se é que te importas contigo, enquanto ainda é possível!” (*Marco Aurélio, Pensamentos*).

Não tenho tempo a perder!

A verdade é o resultado de uma incessante pesquisa, diz-se. Pena é, que os que a buscam se assemelhem a mineiros escavando incessantemente toneladas de terra, pedras e areão, sem que encontrem uma única pepita. Por oposição ao erro, constitui-se na maior parte das vezes, não como discernimento lúcido do espírito, mas como mera convenção. Existe algo nas nossas vivências que possamos qualificar de absolutamente verdadeiro, sem que uma maior ou menor dúvida se instale nos nossos espíritos?

O nosso conhecimento directo incide sobre os dados dos sentidos – *originados pela observação dos objectos e seres* – e sobre o conteúdo da nossa consciência. Assim o autoconhecimento é um conhecimento directo, e não por referência.

Os filósofos são meros teóricos da vida, que não a consumindo são por ela consumidos. Tal como Erasmo, podemos dizer que a cogitação assídua acaba por azedar o espírito e por exaurir a seiva da vida, sendo os filósofos completamente inúteis em relação às coisas desta.

A maior parte dos homens se não são elogiados pelos seus pares não deixam os créditos por mãos alheias. Elogiam-se a si mesmos.

A vulgaridade desconhece a verdade. O homem comum exalta a riqueza e o poder nas suas múltiplas vertentes. Apenas consegue ver sem discernir, o que ardentemente deseja. A sua flâmula é a do erro.

Aqueles que enunciam voluntariamente juízos contrários à verdade e ao bom senso, são os primeiros, e muitas vezes, os únicos prejudicados.

“Não morras a bichanar parágrafos” (*Marco Aurélio, Pensamentos*). A tua vida é extraordinariamente curta e o estudo, sem mais, nunca te irá proporcionar a almejada serenidade.

Saberemos nós reconhecer a virtude? O homem virtuoso? Não estaremos limitados a atribuir uma qualidade cuja essência ou conceito desconhecemos?

Múltiplas vezes, a virtude nada mais é do que uma aparência, escondendo vícios e defeitos; um mecanismo de defesa que penetrou ao longo dos milénios no mais profundo da nossa consciência. O treino da aparência, transforma o maior dos criminosos no Nobel da Paz.

Aristóteles refere-se à doutrina do *meio justo*: A virtude é um meio entre dois extremos. Exemplificando: a coragem encontra-se entre a cobardia e a temeridade.

Que espécie de prazer pode a virtude produzir? – O da tranquilidade e da paz. Este tipo de prazer não é nunca retribuição.

As promessas religiosas são realizadas quando finda a esperança e o medo é dominante, quase absoluto. Se o medo finda, esquecem-se aquelas, a menos que o esquecimento, por remorso, desenvolva um novo tipo de receio.

Dependerá de nós a paixão? Qual o tipo de paixão profícua ao desenrolar da vida? A que engendra a inveja, o ódio, o ciúme? A que enlouquece os espíritos fracos ou fortalece os asnáticos? Obviamente, que apenas a paixão sem objecto, a que incide sobre o tudo e o nada, o belo e o feio, o bem e o mal, o ganho e a perda, poderá pacificar a mente.

Há homens que não sabem viver sem paixões. Não são estas que os encontram, mas aqueles que as produzem na incauta atitude de aniquilação do tédio.

Há paixões que nos enclausuram patologicamente no nosso próprio interior, num *ego* enrijecido e fortificado. A inveja, o ciúme, a autocompaixão, os sentimentos de culpa, são destruidores, o mesmo se passando com a vaidade.

O homem que se mortifica na mira do bem supremo, nunca saberá o que é a inocência. As suas feridas apenas estarão aparentemente cicatrizadas. Qualquer movimento brusco do pensamento, abrirá os portais do recalçamento, deixando emergir com redobrado vigor, o material inconsciente.

A vaidade em excesso destrói a beleza e a inspiração das obras executadas, ou nem sequer permite que estas sejam úteis ou belas. Mas, nem tudo é vaidade, como refere o Eclesiastes.

A filosofia à primeira vista, parece ter triunfado sobre os males do passado. Julgamos que irá triunfar sobre os males futuros. Pena é, que nada consiga transformar no presente, e seja sinónimo de inutilidade prática.

Platão foi tão longe quanto possível na filosofia. Quis que a pesquisa filosófica incidisse sobre "as figuras rectas ou

circulares, as cores, o bem, o belo e o justo, todo o corpo artificial ou natural, o fogo, a água e todas as coisas do mesmo género, toda a espécie de seres vivos, a conduta da alma, as acções e as paixões de toda a espécie”, quis que transformasse uma sociedade injusta numa mais igualitária onde o bem abundasse.
Bom o propósito, mau o resultado.

Tens de escolher entre o ouro e o espírito. Se as tuas acções tiverem como único objectivo a obtenção de bens materiais, não serás muito mais do que animal confinado em estreita cerca, com ração de engorda.

A falta de constância e de reflexão é uma afronta à justiça.

O sentimento de culpa tem a sua origem nas camadas mais profundas da consciência – *preferimos este termo ao de inconsciente, já que a estratificação operada por Freud correspondia a uma compartimentação, que apesar de dinâmica, não é comportada por um cérebro extraordinariamente complexo onde o fluxo e refluxo de pensamentos, ideias e pulsões é constante e imprevisível* –, prendendo-se muitas das vezes com a educação recebida na infância.

Ensina-nos a abster de um sem número de actos, ou seja, de tudo o que constituísse um obstáculo ao caminho para a santidade.

No entanto, “numa ética racional seria tido por louvável dar prazer a alguém, mesmo a si próprio, desde que não houvesse a contrapartida de sofrimento para si ou para os outros. Se nos tivéssemos desembaraçado do ascetismo, o homem virtuoso ideal seria o que gozasse todas as belas coisas da vida sempre que não houvesse más

consequências a sobrepuem-se ao seu prazer.” – *Bertrand Russell, A Conquista da Felicidade.*

A vaidade de um herói não diverge muito da do covarde. Apenas a vontade e a determinação divergem.

Orgulho e vaidade não são incompatíveis. Extinta a segunda, mantém-se o primeiro. Se tal não ocorresse, como poderíamos suportar as nossas imperfeições, os nossos defeitos? Pelo orgulho recalamos os sentimentos de culpa e assim, adiamos o aparecimento de inevitável patologia depressiva.

Um espírito nobre nunca é cruel e desconhece o ódio. Ódio e crueldade são artefactos de espíritos fracos ou doentios.

Cupido é e será sempre criança. Tal como o amor, não usa a razão, mas o coração, e é quase sempre insensato nas suas brincadeiras inocentes.

Se todo o pecado for punido na Terra, então, para quê o Juízo Final?

Os meus cães são felizes desde que estejam de boa saúde, sejam alimentados convenientemente e lhes dispense alguma atenção e carinho. Não se passa o mesmo com o ser humano. A incapacidade de satisfazer todos os seus desejos, os múltiplos sofrimentos reais ou

imaginários a que está sujeito, lançam-no na infelicidade constante. E há a infelicidade do pobre e a infelicidade do rico, do sábio e do ignorante, do ateu e do santo.

O dinheiro apenas serve, enquanto me permitir repousar e estar em segurança. Se não tivermos dinheiro para satisfazer as necessidades básicas, seremos infelizes. Mas, infelizes seremos também, se o seu excesso for manifesto e a nossa ambição desmedida.

O tédio é uma emoção humana. Os meus cães não têm tédio, não se aborrecem, eu sim.

“Ao aplicar-se à agricultura, a humanidade decidiu submeter-se à monotonia e ao tédio para diminuir o risco de morrer de fome. Quando os homens obtinham o seu alimento da caça, o trabalho era um prazer.” – *Bertrand Russell, A Conquista da Felicidade.*

O indeciso é como o “burro de Buridano”, que morre de fome face à sua incapacidade de escolha entre dois fardos de feno, equidistantes, um à sua direita e outro à sua esquerda.

É o conflito psicológico que gera a hesitação.

O ser humano tem uma maior inclinação para o ódio do que para o amor e para a fraternidade, o que se fica a dever à sua insatisfação, fadiga, tédio e inveja.

A doutrina tradicional do pecado considerava, que depois de um homem ter cometido um acto qualificado como tal, poderia representar dois estados de espírito: por um lado,

o remorso, por outro, um verdadeiro arrependimento, estando o primeiro incapacitado de fazer operar a sua remissão, contrariamente ao segundo. Na maior parte dos homens, o arrependimento surge quando os actos pecaminosos se tornam públicos com a consequente reprovação social que daí advém e perda de reputação.

Quando não nos sentimos amados, é natural que a vida perca o seu encanto.

Não é forçoso que apenas o que não é amado se revolte contra o mundo inteiro. Um homem amado, pode fazê-lo, e aí, sim, o seu carácter será excelente, já que se arrisca a deixar de ser amado.

A abertura de espírito impõe que não persistas no erro e na ignorância, quando demonstrares a ti mesmo ou te seja cabalmente demonstrada a incoerência dos teus pensamentos.

Face ao sofrimento, o que importa não é destruir o pensamento, diz Russell, mas sim dar-lhe nova direcção, ou afastá-lo do infortúnio que o perturba.

O sofrimento é pensamento – *referimo-nos aqui ao sofrimento psicológico* –. Ora, cessando este, cessa aquele. Uma nova direcção pode constituir a substituição de um problema por outro, e o afastamento uma fuga. Se o pensamento cessa pela própria observação do padecimento e das suas mais profundas raízes, não há recalçamento, substituição ou fuga daquilo que é.

Somos lógicos, calmos, pacientes, tranquilizadores, no sofrimento alheio. Mas, quando esse sofrimento se abate

sobre nós, julgamo-nos os mais infelizes dos infelizes, sobre quem se abateu o infortúnio. Deixemos de ser hipócritas.

Precisamos de entender a insegurança. Não somos apenas nós que estamos sujeitos à visita repentina e não anunciada do Senhor da Morte. Os que amamos podem ser ceifados no próximo instante.

É pelos nossos defeitos que reconhecemos os dos outros. São as imperfeições que nos assolam, a justificação directa das acusações que forjamos, bastas vezes de modo hediondo, injusto e imoral.

A constatação e imputação de defeitos aos outros, reserva motivos ocultos. O homem pretende com tal ofensiva colocar-se na posição defensiva de quem os não detém.

A "sorte" tem uma preferência natural pelos audazes, e exclui os que ostentam múltiplos conhecimentos, por serem excessivamente covardes e medrosos.

Acreditar no destino é uma das múltiplas fugas à existência de factos desfavoráveis.

Os apegos estão presentes em todos nós, em todos os momentos da nossa vida. Subsistem nos papéis que representamos no teatro do quotidiano. Até os que se consideram desapegados são actores.

A razão pode e deve determinar as nossas acções. Mas, não é um indicador seguro de rectidão, nem está destinada ao conhecimento da verdade. Esta atinge-se, por uma forma especial de intuição, que nasce quando o pensamento silencia.

Só o "agora" é susceptível de perda.

Em filosofia, de quando em vez, surgem pensadores que intentam fazer tábua rasa de tudo o que conhecemos. São considerados heróis e sê-lo-iam não fora o seu condicionamento psicológico, alimentado na própria gestação e a partir da infância.

Em bom rigor, é imperativo que caminhemos sós num trilho sem fins e objectivos, porque muito erra, mais do que o ignorante, aquele que julga poder atingir a verdade pela razão. Nessa vereda, necessitamos de rejeitar toda a autoridade, derivada da teologia natural, revelada ou da filosofia, bem como o conjunto imenso dos nossos condicionamentos.

Devemos agir em conformidade com a nossa consciência e não nos atermos à opinião dos outros com o reprovável intuito de agradar. Lembremo-nos que Deus que é Deus, não agrada a todos os homens, e que a ninguém é possível contentar Deus e o Diabo.

A alegria constante advém da indiferença afectiva.

Prefiro o sorriso ao riso, e cada vez mais, sorrir a fazer rir.

Em tempos idos – *sim, porque nos actuais existem algumas diferenças ainda que pontuais* – as jovens virgens chegavam aparentemente incólumes ao casamento, mas sem que se tivessem absterido de muita volúpia. Em bom rigor, a sua virgindade restringia-se a um único orifício.

Todos escarnecemos com benevolência do cornudo, não nos pese também a cabeça.

A quem não deseja nada mais para além do que possui, nada lhe falta.

Não há sorte ou azar. Há factos. Uns são-nos favoráveis e aprazíveis, bastas vezes inesperados; a esses chamamos sorte. Outros desfavoráveis, inesperados – *apesar de inúmeras vezes observados nos outros* –, são fonte de tristeza e padecimento; a esses chamamos azar. Mas, são apenas factos, que numa cadência que não é forçosamente lógica, é pelo menos natural.

Os desejos são infinitos. O seu número aumenta proporcionalmente à sua satisfação e a insaciabilidade com esta.

Sem memória não existiria o passado. Melhor, sem memória desconheceríamos a existência do passado.

Epicteto aconselhava a supressão absoluta do desejo, na precisa ocasião em que por ele sejamos acometidos. Mas,

o desejo não pode ser suprimido sem mais. É erro querer fazer com que cesse ou desapareça. Escutemo-lo apenas. A escuta passiva irá dissipá-lo.

A coragem acompanha-me nas palavras, mas não na vida. Quando é que de nada sentirei falta, quando reunirei em mim todas as coisas sensíveis, quando serei totalmente livre e estarei em completa segurança, se é que tal coisa é possível? Não sei, nem quero saber!

De nada serve presentear alguém com uma esmola, se pelo seu comportamento vicioso não agencia no sentido de afastar a pobreza.

Um par de anos de vigilância constante irá esclarecer-te quanto à natureza humana, que muito pouco se modificou nos 10.000 anos de "civilização".

Esta sociedade está repleta de macacos vestidos de púrpura, a quem denominamos de catedráticos, mas que são verdadeiros asnos. Falam de modo a que a turba não os entendendo, mais os admire e exalte. É infinito o número de estultos.

Falas da "tua" mulher, do "teu" filho. Só as coisas são susceptíveis de posse, não obstante na maior parte dos casos sejam elas que te possuem. Se desaparecerem, despede-te deles como do amigo, que de passagem parte da tua residência onde por dias se acolheu.

Se te deixares ultrajar por injúrias e difamações, perseguir-te-ão até ao momento derradeiro.

Se injuriar e caluniar um rio, deixará este de correr na direcção da foz? Se o fizeres às montanhas, arrostar-se-ão estas pelos vales? E o mar, deixará de banhar as esplêndidas praias?

Às conversas fúteis e ignóbeis prefiro a solidão e o silêncio e, para expressar profundas reflexões, economia de palavras. Não vá deixar de ver as árvores por causa da floresta ou a floresta por causa das árvores.

A censura é como o vento Norte, que surge no Verão com violentas rajadas, mas desaparece tão subitamente quanto surgiu, no início do Outono, quando as plantas anunciam o seu repouso.

É o juízo que formulamos acerca dos factos desagradáveis que os torna intoleráveis.

Não te atendas única e exclusivamente às coisas exteriores nem às interiores. Une-as na perfeição do caminho intermédio, porque não há interior sem exterior nem exterior sem interior.

A melhor das vidas é a que está envolta em simplicidade, modesta, mas sem subserviência.

O arrependimento é uma censura pessoal, como consequência da prática de um acto, que segundo a nossa consciência ou os imperativos sociais vigentes em determinado tempo e lugar, por nós assimilados, não deveríamos ter praticado ou que deveríamos praticar, e de forma negligente ou dolosa omitimos.

A dor física é um mal para o corpo, que não deve afectar o espírito.

A injustiça tem na maior parte das vezes a sua causa na omissão dos que em autoria moral ou mera cumplicidade permitem a sua prática.

Não é pela fuga aos relacionamentos que o homem se torna melhor. Mas, se alguém, seja pai, seja filho, amante, amigo ou conhecido se constituir num obstáculo ao teu desenvolvimento espiritual, só tens um remédio para tal maleita: a indiferença.

Os estudiosos do passado são em regra, os maiores ignorantes do presente.

Ninguém é mestre de um qualquer mester antes de ter sido discípulo.

Não valorizes apenas o que te é dito em função de quem o diz, mas valoriza o que ouves sem olhar a quem o diz. Não te limites a ouvir, mas penetra na alma do orador,

sem que te deixes inebriar por belas palavras e por inconsequente, mas melodioso discurso.

Aproxima-se o Inverno. Tempo de recolhimento e paz.

Quando nos dedicamos a viver o momento, a serenidade inunda-nos.

É interessante realçar de que Santo Agostinho antecipou a teoria de Kant sobre o tempo – *subjectiva* –, bem como o *cogito* cartesiano: “Tu que desejas conhecer, sabes quem és? Sei. Donde vens? Não sei. Sentes-te simples ou múltiplo? Sentes que te moves? Não sei. Sabes que pensas? Sei.” (*Solilóquios*)

O louco nunca peca. A sua natureza desconhece a vergonha, a ambição, a inveja, o ciúme, o amor e o medo.

Sociedade de aparências. Carro topo de gama, casa luxuosa e fome em casa.

A mulher é muito mais astuta e ardilosa que o homem. Com que engenho encobre e nega as suas infidelidades!

Interessante é a seguinte passagem do *Elogio da Loucura*, de Erasmo: “A mulher é um animal louco como nenhum, inepto, ridículo e delicioso que no convívio doméstico

atenuaria a tristeza do engenho viril com a loucura feminina. E claro que, quando Platão parece hesitar em incluir a mulher entre os animais racionais, nada mais pretende do que indicar a loucura insigne desse sexo. Quando por acaso uma mulher quer passar por sábia, não faz mais do que dizer que é duas vezes louca. Ninguém vai ungir um boi para a palestra, nem Minerva o consentiria. Não procedamos, pois, contra a natureza; o vício fica agravado quando dissimulado de virtude, por maior que seja o engenho. É bem justo o provérbio grego: um macaco é sempre um macaco, ainda que vestido de púrpura. Assim também a mulher é sempre mulher, quero dizer sempre louca, ainda que ponha uma máscara."

É com sandices e baboseiras que comovemos essa horrenda alimária que é o povo.

Neste mundo bélico, constatamos desde o nascimento daquilo que apelidamos civilização, mais guerras do que anos, e uma imensidão de crimes horrendos. Que Deus odioso nos terá criado e enviado para tal mundo?

Sempre encontrei graça nos velhos ricos, que na mira do rejuvenescimento e quiçá, do falacioso reconhecimento social da sua virilidade extinta, casam com esbeltas jovens, que tanto prazer nos proporcionam, sem que tenhamos o ónus de as sustentar.

O marido enganado, o cornudo, ainda que escarnecido e motivo de chacota, é consentido pela comunidade, porque tal estado é atributo de muitos e não poucos dos seus elementos varões.

Os poderosos não têm amigos. Apenas víboras adadoras. E assim, bem estão uns com os outros.

Muito prezo o anonimato, viver na obscuridade como Epicuro ou “caminhar mascarado” como afirmava Descartes. Evito estar sempre nos mesmos locais, rodeado de amigos ou conhecidos que possam reconhecer, ainda que erroneamente, a minha autoridade nalguns dos domínios do conhecimento. Há uma beleza íntegra e uma acolhedora serenidade na solidão afectuosa.

A adoração dos santos – *cada um com as suas funções específicas nas maleitas físicas e psicológicas do ser humano* – e da Virgem Maria, cujos poderes e veneração parecem ultrapassar os do Filho, constituem-se como uma verdadeira idolatria.

Também a Trindade, é manifestação do ancestral paganismo.

A vaidade lisonjeia-nos, enquanto que a adulação transforma nos outros a fealdade em beleza, a ignorância em sapiência, a maldade na bondade.

A máxima de “que nada existe no entendimento que não tenha primeiro estado nos sentidos”, não deve ser interpretada num sentido literal e redutor. Os sentidos são incapazes de nos fornecer todos os objectos do entendimento, não obstante ocupem uma posição privilegiada no conhecimento que temos do mundo.

É apenas a realidade percebida no estado de vigília, que é real ou, também o é a percebida no estado de sonho? Ambas!

Existe a matéria ou o mundo é um sonho repleto de ocorrências e mudanças ininterruptas?

Tantas vezes o cobre nos pareceu ouro, o vidro diamante e a corda ao crepúsculo perigosa serpente, que abandonamos definitivamente a nossa confiança nos sentidos.

Estes, não nos enganam no todo. Se não nos permitem ver a realidade tal qual ela é, permitem-nos a percepção possível. Mas, a razão não tem motivos para se vangloriar, já que também está sujeita aos erros que lhe são por natureza inerentes.

Os que se ausentam da sua pátria por longos períodos, são sempre estrangeiros: estrangeiros quando regressam e estrangeiros onde fixaram residência. Terão de aprender a ser cidadãos do mundo.

As verdades reveladas na teologia têm de estar forçosamente muito para além do entendimento, sendo nalguns casos perfeitamente absurdas, para que os doutos lhes dêem assentimento.

Um filósofo competente é o que aspira ao conhecimento, duvida do seu próprio saber, tem espírito lógico e um pensamento lúcido. Pena é que na maior parte dos casos, mais não seja do que um profissional da razão,

competente, tal almocreve pobre que falece abraçado às suas bestas de carga.

Há um momento em que necessitamos de abandonar os estudos exaustivos dos doutos decrépitos para “lermos” o *Nosso Próprio Livro* e o *Livro da Vida*, “obras” absolutamente indissociáveis.

O que me garante que o meu pensamento não é uma ilusão gerada por qualquer ente desconhecido ou acidente fortuito? E se o for, tal como eu também o posso ser, a “verdade” cartesiana é também uma ilusão, fruto ou consequência de uma cadeia ininterrupta de ilusões. Ilusões não podem gerar certezas.

Partindo do princípio que existo, mesmo que deixe de pensar, como o tenho feito muitas vezes, ainda que temporariamente, continuo certo da minha existência.

E, se “eu penso, logo existo”, também “eu não penso, mas não deixo de existir” ou, “não penso e existo”.

O criminoso foi bastas vezes uma vítima da delinquência, na infância e na adolescência.

Da história, principalmente da judaica, retiraram filósofos e teólogos, a certeza de que Deus usa o mal para daí fazer nascer o bem. Santo Agostinho pensa que Deus nada deixaria subsistir de mal na sua obra, se na sua onipotência e bondade não tivesse a intenção de fazer derivar o bem do mal.

Como é astuto o pensamento! Que estranha forma de reconciliação entre o homem “religioso”, crente num Deus que tem em si a ideia suprema de Bem, com a inevitabilidade do mal.

O mal é tão onnipotente no mundo, quanto Deus na especulação dos metafísicos e teólogos. Como é que poderemos fundamentar tal facto? Se Deus tem em si, todo o poder – *mesmo o inimaginável* –, se ele é a ideia suprema de Bem – *para usarmos a terminologia platónica* –, como pode permitir o mal? Iremos retirar-lhe o atributo da onnipotência? Ou muito simplesmente, de forma infantil, atribuímos o mal a uma outra “divindade”, a um demónio, a Satanás? Podemos gerar a premissa, que a criação do homem – *criação que só se pode compreender como acto de amor* –, faz-se intrinsecamente acompanhar do seu livre arbítrio, para que o Bem ou Deus seja atingido pela maioria dos seres racionais criados. Um novo argumento, engenhoso a uma primeira aproximação. Mas, na sua onisciência, não terá o Ser Supremo previsto que tipo de mundo viria a existir atenta a imperfeita natureza dos entes racionais que gerou? E que ascender a si, restaria destinado a um punhado de eleitos?

Não terão cabimento, nesta sede, as palavras de Epicuro? E isto apesar dos argumentos se restringirem aos efeitos da criação de um mundo onde o mal habita, sem que se considere o próprio acto da criação, já predestinada à fatal apropriação daquele:

A divindade, ou quer suprimir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode é impotente; e a divindade não o pode ser. Se pode e não quer, é invejosa, e a divindade não o pode ser. Se não quer e não pode, é invejosa e impotente, portanto não é divindade. Se quer e pode (que é a única coisa que lhe é conforme) donde vem a existência dos males e porque não os elimina?

Leibniz, criador da palavra teodiceia – *que pretende demonstrar pela razão que não podemos imputar a Deus os múltiplos erros do mundo* –, elaborou um conjunto de argumentos, intentando demonstrar que Deus criou o melhor dos mundos, e que na ordem é natural que exista alguma desordem, ou seja, o mal, sob pena daquela ser imperfeita – *se o mundo fosse bom e só bom, seria imperfeito, já que a dissonância gera muitas vezes na composição musical, a harmonia.*

Mais uma vez a argúcia falaciosa do pensamento.

Deixemos para momento posterior a observação da teodiceia...

Os vícios do homem decorrem do seu carácter e personalidade. Quando conhecemos os seus vícios, temos sérias probabilidades de intuir as suas virtudes.

Se eu hoje tivesse atingido a Verdade, poderia morrer serenamente ao crepúsculo.
Seria um óptimo dia para morrer!

Victor Hugo, após a morte da sua filha, revoltou-se, sentiu-se tentado a blasfemar, acabando por se resignar. Num poema, escreveu:

*Peut-être est-il utile à vos desseins sans nombre
Que des êtres charmants
S'en aillent, emportés par le tourbillon sombre
Des noires événements.*

Mais uma justificação para o mal que nos assola. Encontrar consolo nos desígnios obscuros de Deus, uma razão não menos obscura, que legitime os "azares" e desgraças do mundo.
Que aberração a das teodiceias!

Um homem de bem não se atém a opiniões preconcebidas, e age em conformidade com a sua consciência, manifestando imparcialidade em todos os seus actos. O homem comum age em conformidade com os seus próprios interesses e sempre na mira do aproveitamento pessoal.

A arte defende-nos, “exorciza-nos do mal”, como diz Nietzsche. Mas só a obra que não tem princípio nem fim manifesta esse poder.

O mito platónico da caverna, adapta-se com perfeição à ignorância generalizada dos nossos tempos.

Os homens são escravos que se encontram agrilhoados numa caverna, apenas podendo olhar o seu fundo e as sombras que do exterior aí são projectadas. Para eles, sem qualquer outra compreensão, essas sombras são a única realidade que conhecem, nada mais conseguindo intuir, quer por ignorância quer por inépcia. Se um dos escravos se conseguir libertar, atingindo assim a almejada alforria, ir-se-á progressivamente habituando à luz, até que consiga contemplar a verdadeira realidade na sua integridade, inclusivamente o Sol. Se voltar à caverna, ofuscado pela luz exterior, não saberá discernir convenientemente as sombras e será escarneado por todos os outros. No entanto, sentirá uma imensa compaixão com os que se satisfazem e comprazem no entendimento das sombras e da ilusão, ignorando a REALIDADE.

Quando jovem, tenho consciência de que falava muito e de modo convincente – *um dom que não cultivei, mas que possuía, ao que se diz...* –, mas pouco fazia.

Hoje, aborreço-me falar, e há quem diga que algo faço. Pelo menos, não desbarato palavras, o que já é muito fazer.

A graça do estereotipado é a sua desgraça social.

A sabedoria que vence o mal não é colectiva, é meramente individual. O colectivo é a imagem reflectida, ainda que distorcida do próprio mal. E, contentemo-nos com a certeza – *se certezas existem* – de que a parte modifica o todo.

Não devemos exagerar nos conselhos que por amizade ou compaixão aos outros damos. Necessitamos sempre de entender, quais os limites impostos ao aconselhamento impostos pelo próprio aconselhado.

Na vida vigora a dúvida.
Duvidai sempre de tudo, mesmo de mim, especialmente de mim.

As maiores lições que recebi na vida, foram-me ministradas não por catedráticos e outros “papagaios”, mas por homens simples e humildes.

Um velho sábio da minha aldeia, disse-me há muitos anos, ainda eu era criança, algo que nunca esqueci: “os homens prendem-se pela palavra e os touros pelos cornos.”

Estranho mundo este em que os homens são presos pelos cornos, e talvez os touros pela palavra...

No silêncio há uma grandeza ímpar. Para além dele, está a frouxidão, a fraqueza, a autocompaixão, a miséria espiritual.

Quando escravo das minhas paixões, faço o que aos outros agrada para me agradar ou satisfazer. Quando estas não minam o meu espírito, faço o que me torna sereno e agrada, sem pensar nos resultados.

Não há finalidade que justifique o mal no mundo. Teólogos, filósofos e revolucionários – *a revolução é a modificação de um estado de coisas, não a sua destruição* – tropeçam nos seus próprios argumentos.

Num realismo pouco confortável, constatamos que temos de conviver com tal maleita, como quem padece de doença crónica.

Mas, não teremos de a combater, tendo por única arma a solidariedade humana (Lacroix)?

No entanto, perguntemo-nos: onde habita essa solidariedade, a solidariedade real, não a inventada pelas nossas mentes na busca de autoconsolo? Nos delitos, nos crimes mais horrendos, na opressão dos desfavorecidos pelos seus governantes, no egoísmo, na procura do lucro fácil, no poder instituído, na inveja, na falsa compaixão? Afinal, naquilo que somos, nessa nossa natureza, que mais não vê do que o próprio umbigo e deseja ou consente a desgraça alheia?

O mal só pode ser dissipado, por cada um de nós, em nós mesmos. Tudo o resto são promessas falazes de objectos vendilhões da felicidade. E, como é fácil discursar acerca da felicidade!

Nunca gostei de ser lisonjeado. Do adulator e do melado nada mais esperes do que “f.... ou canelada.”.

Os resultados obtidos pela medicina alopática são duvidosos. Estamos certos, de que na maioria dos casos,

a alopatia – *medicina convencional* – é perniciosa para a saúde da humanidade, já que, para só citar uma das suas desvantagens, tem vindo a diminuir drasticamente a eficiência do nosso sistema imunitário. Mais quantidade de vida e nenhuma qualidade. Não nos esqueçamos que também ela se arroga das qualidades do progresso...

O mal faz parte da natureza humana, como o Sol do sistema solar. “A julgar pelos nossos desejos inconscientes, não somos mais do que um bando de assassinos.” (Freud)

Os nossos políticos afirmam-se socialistas, democratas, humanistas, arvorando-se em defensores dos mais desfavorecidos, mas agem como os iníquos, enriquecendo os ricos e empobrecendo os pobres.

O tipo de amor que cultivamos é o alambique do ódio.

Se por imitação de certos modelos que julgamos ideais, queremos ser o que não somos, transformamo-nos não nos modelos idealizados, mas em artistas de circo, aparentados aos palhaços.

Se caçares, nunca dispares sobre a presa que repousa. Na guerra, nunca dispares nas costas do adversário.

Foi feito um estudo num país desenvolvido, onde se determinou que nove pais em cada dez, que maltratam os

filhos, foram eles próprios vítimas de maus tratos. Isto é vingança, inconsciente ou não, é pura vingança. Não teorizemos, porque o facto é o de que o homem é vingativo.

Os que acreditam ser possível mudar o mundo pela força das armas, são verdadeiros asnos. Pelas armas apenas geramos uma destruição parcial, sem que a essência do mundo seja alterada. Não é o mundo que muda, mas cada homem em si, e conseqüentemente, por força desta mudança ocorre aquela.

Um discurso político bem organizado, ornado de frases belas e tocantes, mais não é do que um predador de tocaia.

“Quantos homens vivem do sangue e da vida dos inocentes, uns como tigres, sempre selvagens e cruéis, outros como os leões, aparentando alguma generosidade, outros como os ursos, grosseiros e ávidos, outros, como os lobos, deslumbrantes e sem piedade, outros ainda, como as raposas, que vivem da sua esperteza e cujo ofício é enganar!” (La Rochefoucauld)

Esta descrição do moralista, lembra-me de imediato os sórdidos governantes do terceiro mundo, que acumulam riquezas imensas, propriedade do povo que ironicamente os elegeu – *quando os elegeu...* –, enquanto este se alimenta os contentores de lixo. Mas, não só os governantes, como todos os que por cumplicidade e aproveitamento próprio, colaboram em tal monstruosidade, tais corvos e abutres.

Um país de avarentos, seria um país falido.

Se Deus não existe, então, apenas te é permitido agir em conformidade com a tua consciência. A sua eventual não existência não legitima toda e qualquer acção.

Há certamente uma Luz em qualquer lugar ou em todo e qualquer lugar. No entanto, a ânsia dos objectivos obscurecem-na, e a sôfrega azáfama da busca cega-nos.

Não podendo exterminar o mal, a sociedade contemporânea, ignorante e supersticiosa, fez renascer Satanás. Adere cegamente ao que Santo Agostinho renunciou há séculos: o dualismo maniqueísta.

Se eu tiver algum mérito, que o tenha. Se for ou não reconhecido, que o seja ou não.
Poder-me-ão interessar tais futilidades?

O ciúme é amor próprio.

A inveja não é mais forte do que o ódio. Muitas vezes, o ódio é fruto da inveja e podendo esta ser dissipada pela vigilância passiva exercida pelo cérebro, verificamos que o ódio subsiste.

Estamos obcecados pelo mal no mundo e pelo que nos atinge. Não havendo forma de o exorcizar, pela

constatação da fraqueza dos *deuses*, o ser humano recorre cada vez mais às artes divinatórias, às bruxas e bruxos do século XXI. Portador de crédula racionalidade a raiar os limites da irracionalidade, o homem é um ente pré-histórico revestido de novas tecnologias, um estulto que usa como arma de arremesso contra a angústia existencial e contra o desespero, a superstição.

Das coisas do mundo, as que mais me aborrecem são as conversas e acções fúteis, o exagerado simbolismo dos poetas, a estéril ficção dos escritores e a comida requintada.

Outras, evidentemente, não me aborrecem, indignam-me!

Os homens de negócios não têm amigos, à excepção do Lucro.

A filosofia, tal como a teologia ou num plano mais simplificado, a religião, muito podem dizer, mas pouco convencem quem sofre, tal como a mãe que vê o seu filho ser estropiado numa guerra cujas motivações não alcança, o homem que vê desaparecer toda a sua família à passagem de devastador furacão ou, àquele cujo corpo minado de doenças vegeta numa velha cama coberto por trapos imundos.

Quando souber o que não sei, poderei então afirmar que sei. Que sei o que não sei!

Eu busco sem buscar, e não sei hoje, o que é o certo e o que é o errado.

A história não é mais do que uma “fábula repleta de barulho e fúria, narrada por um idiota” (Shakespeare). Diga-se, é muito menos do que isso. É um conto onde desfilam horrores consecutivos, interpretados por quem os não sofreu, com a frieza dos nossos talhantes (cirurgiões), a quem apenas o lucro e o prestígio afectam.

No progresso já não dominam duas faces. Apenas uma: a miséria moral dos poderosos e a material dos desvalidos.

Para os economicistas, a aritmética dos egoísmos conduz ao bem comum. O bem nunca gera o bem, como afirma Nietzsche, sendo a moral o maior dos perigos?

Mas, pode um sentimento negativo produzir o Bem ou o espírito capcioso do homem legitima deste modo o ilegítimável?

Ninguém consegue aniquilar pela repressão o desejo. O iniciado que diz nada desejar, deseja, a iluminação, o nirvana, o reino dos céus.

A falsidade é universal.

O homem é ao mesmo tempo sociável e associal (Kant). Se por um lado, tem tendência para viver em comunidade, por outro, os seus interesses, em regra,

conflituam com esta e são motivo de desavenças constantes.

Que sentimento estranho este do ódio. Existirá algo ou alguém que mereça tal inquietação?

Só o amor dissipa o ódio. Onde existe o amor não pode vicejar a raiva e o ódio.

É um facto de que somos ambiciosos, ciumentos, vaidosos, invejosos, hipócritas e orgulhosos.

Será que se assim não fosse, nada de grandioso teria sido feito no que chamamos "civilização", vivendo ainda os homens como pastores ou agricultores pré-históricos?

Talvez Kant tenha razão. Mas, antes pastor num mundo sem vícios, sem criminosos da humanidade e de delito comum, corruptos, ladrões e oportunistas, do que "homem civilizado", num mundo miserável a cujos males todos fechamos os olhos, cúmplices de um número incomensurável de atrocidades, e que de grandioso nada tem.

Se é o mal o ventre gestante do progresso, então, deste, fica explicada a sua dúbia natureza.

Se nada de grande foi realizado no mundo sem paixão (Hegel), não deveremos questionar-nos em primeiro lugar quanto à natureza do que é grandioso? Podemos estar a constatar grandiosas deformidades morais ou verdadeiras monstruosidades. Somos nós que construímos a história. Mas que história é essa? A do mal que se converte em bem, do mal, puro e simples ou de um mal hipoteticamente sem validade própria?

Deixo-vos com os factos, apenas com os factos, e esses são indesmentíveis.

Não quero ser o vaso de argila onde os “doutos” despejam os seus ensinamentos, nem o instrumento dos poderosos, que se beneficiam beneficiando-me.

O ignorante tem tendência a desprezar tudo o que não entende, a menos que lhe aporte uma qualquer vantagem.

A mente que não é um espelho, assemelha-se a um sótão de coisas imprestáveis.

A nossa vida assemelha-se à cidade de Roma em chamas. Não fomos nós que a incendiámos, mas somos nós que ardemos.

A sinceridade é em regra um artifício que tem como único objectivo, a confiança de alguns homens que nos cercam e em cujo relacionamento estamos seriamente interessados.

Tanto asno a viver na morte, trilhando a vereda do sono. Para viver bastar-lhes-ia estar atentos e observar a vida na sua magnificente diversidade. Quem vive atento, constantemente atento, vive efectivamente, e não será sepultado em vida.

Os rodados seguem o carro quando este se movimenta. E, quanto mais rápido se move, mais depressa o seguem. Assim, os nossos condicionamentos nos perseguem.

Os mestres dilapidam a percepção límpida das coisas.

Eu sou o meu Mestre. Não sei bem se o sou ou quando o serei, mas sei que não tenho outro.

Porquê evitar viver onde os outros vivem, e fazer o que fazem? Basta-me ser o que sou.

O conselho de tão gratuito, é a doação que nos parece mais generosa, mas, em regra, não passa de verdadeira hipocrisia.

O amor gratuito é um bem invisível. Quando existe, abriga-se nas profundezas da nossa alma e só é perceptível pelos seus efeitos.

Questiona-te quando fazes uma doação.
Afinal, o que é que queres receber em troca?

Se as minhas reflexões incidissem sobre receitas milagrosas para o sofrimento psicológico, se mais não fossem do que sementes de infantis ilusões, quantos leitores não teria, quão vasta não seria a minha audiência?

Se me restringir aos factos e vos demonstrar a inexistência de "caminho" e de milagres, serei alvo de desmotivação e desinteresse.

Como sois tolos!

Chegará o dia em que nada terei ou sentirei que devo escrever.

Esse será o meu dia de glória.

Sê humilde.

Não sejas servil.

O Rio Grande da Iluminação não tem margens e o caudal da Verdade é sempre o mesmo em movimento perpétuo.

Se a mente estiver vazia, haverá harmonia não só no nosso interior, como com o que nos é exterior. O vazio admite qualquer melodia.

O vazio da mente é o espaço do próprio Cosmos.

A mentira e o engano constituem-se como a essência dos relacionamentos. Se não existissem, decerto nos tornaríamos ascetas.

As serras, montanhas, vales, rios, regatos, florestas, são fontes de uma subtil luminosidade, que tanto brilha de dia

quanto de noite, e é acessível aos que não tiverem o seu olhar contaminado pelas maleitas do condicionamento e da ambição.

Se te apressares na busca da perfeição, a cada momento, mais longe te encontrarás do fim ilusório do caminho e mais tempo despenderás. Em vez de adiantado, encontrar-te-ás atrasado.

Freud, na 1ª tópica, elaborou a doutrina de que a comunicação entre o inconsciente e o pré-consciente/consciente é regulada pela censura, geradora do mecanismo do recalçamento.

Estava convencido de que a tomada de consciência pelo paciente da sua neurose o libertaria dos sintomas nefastos. Mas, pela análise do caso de *Anna O.* entendeu que não era efectivamente assim.

Na 2ª tópica, identificou o *id* - *domínio das pulsões que funciona segundo o princípio do prazer* -, o *ego* - *regulador do conflito entre as pulsões e as exigências do mundo exterior, realizada através dos mecanismos de defesa e funcionando segundo o princípio da realidade* - e o *superego* - *formado pela interiorização das interdições e proibições impostas pela realidade exterior ao indivíduo.*

Entendeu que a cura só pode ser promovida, caso o paciente reviva e resolva o conflito que foi anteriormente mal resolvido, o que é conseguido pela livre associação de ideias e pela transferência do problema para o terapeuta - *o paciente revive as situações desfavoráveis e transfere-as para o psicanalista, e não para os entes ou circunstâncias causadoras da perturbação efectiva.*

Jung, discípulo de Freud, rejeitou a teoria deste, da origem sexual das neuroses, interpretando a libido como energia vital geral e não apenas sexual.

Na sua perspectiva, o inconsciente colectivo – *os famosos arquétipos* –, articulando-se com o consciente e o inconsciente individual, estruturam a personalidade do indivíduo.

Já Adler, que também foi discípulo de Freud, se afastou da sua teorização, dando prevalência aos complexos de inferioridade – *na maior parte das vezes de natureza inconsciente* –, de que todos padecemos e que são causados por situações de inferioridade física ou mental.

Serão estes a causa directa do desenvolvimento da personalidade numa determinada direcção, tendo em consideração um processo de compensação mais ou menos complexo.

As teorizações sobre a personalidade do ser humano e da origem do seu padecimento psicológico, são manifestamente insuficientes, limitadas e praticamente inúteis. Mesmo complementando-as num sincretismo produtivo, os resultados são insatisfatórios.

O autoconhecimento para além de não ter fim, não pode em caso algum ser sistematizado.

Podemos comparar a vida em função do tempo? Provavelmente, não.

Vive mais o sábio num único dia, do que o estulto em noventa anos.

Um avião incendeia-se em plena pista. Não há sobreviventes.

Foi um mero acidente fruto do acaso?

Foi obra do destino?

Tem uma causa próxima?

E uma causa remota?

Terá sido uma mera coincidência?

Afinal, a queda dependeu especificamente de quê?

Da nossa mente.

Temos um facto, apenas um facto: um avião que se despenhou falecendo todos os seus ocupantes.

Se não houvesse “certo” haveria “errado”?

Mas, para que o “errado” exista, quem estará em condições de conhecer com segurança a essência do “certo”?

Pior do que a cegueira física é a cegueira mental.

Pior do que a surdez física é a surdez mental.

Todos querem parecer importantes aos olhos do mundo de modo a poderem ocupar a cátedra do prestígio, seja a que preço for.

Referimos com constância a palavra liberdade. Liberdade absoluta, relativa, colectiva, individual, política, de pensamento, de expressão.

Uma jovem, intrigada com o nosso estilo de vida, questionou-nos quanto à liberdade, a nossa liberdade, que procura negar a sociedade de escravidão que nos agrilhoa.

Escrevemos um curto memorando, que a fez sorrir. Sorrimos juntos.

Entendemos a liberdade individual como a possibilidade de:

- não partilhar qualquer crença, filosofia, clubismo e partidarismo;
- estar onde queremos, apenas onde queremos, sem quaisquer limitações psicológicas – *já que as materiais são uma realidade inelutável*;
- não possuir “agenda”;
- não depender dos horários de ninguém, nem dependermos de compromissos que não sejam exclusivamente nossos;

- poder partir em viagem a qualquer hora;
- ter a prerrogativa de nos relacionarmos apenas com quem queremos, sem que tenhamos de nos violentar;
- inexistirem na nossa vida programas ou projectos, cujo cumprimento se torne obrigatório, pelo envolvimento nos mesmos de terceiros;
- ficarmos sós e em paz, sempre que o desejemos, num isolamento tranquilo;
- criarmos o nosso próprio ambiente, nos locais onde habitamos, sem a interferência de terceiros;
- nos alhearmos dos problemas fúteis dos que conosco convivem;
- não dependermos psicologicamente, seja de quem for;
- não ter chefes, subordinados, relógio e gravatas.

Aquilo que em nós muitas vezes se apresenta como virtude, não é mais do que um vício recalcado, sublimado ou substituído.

Em S. Tomás o universo é composto por um conjunto hierarquicamente ordenado de entes.

Deus é aquele cuja essência é igual ao *ser*. O mais simples e o mais perfeito dos entes.

Seguem-se-lhe os anjos, cuja essência é simples e a que cresce o *ser*.

Depois, o homem, que tem uma essência composta – *matéria e forma imortal* – e *ser*.

Para além do homem, todos os outros seres, que são os mais compostos e os menos perfeitos – *as coisas compostas são as mais fáceis de conhecer e é através delas que ascendemos ao conhecimento das simples* –, constituídos por ser e por uma essência composta de forma mortal e matéria.

A essência de uma coisa é aquilo que ela é.

Qual é a nossa essência? Quem sou eu?

Aqui estaria bem adequada a resposta que um velho Mestre Zen deu a um jovem discípulo:

- Para que queres tu, tolo, um "eu"?

Os actos políticos são na maior parte das vezes interpretados como efeito de nobres intentos. Nisso, são peritos os historiadores. Mas, em boa verdade, apenas foram causados pela ambição, pela necessidade de preenchimento ou pela inveja dos seus autores.

Concordo com Rochefoucauld, que neste mundo asnático, um tolo animoso persuade mais e melhor a população do que um sábio desapaixonado.

Os psiquiatras nas suas consultas, apresentam-se-nos com uma serenidade imperturbável. Mais do que ciência médica, possuem o engenho e arte de esconder as suas neuroses e inquietude. Acautelai-vos pois, não seja um louco confirmado, que não vos curando ainda agrave os vossos sintomas, com o inconveniente de esvaziar progressivamente os vossos bolsos.

No que toca ao relacionamento amoroso, na eminência e ruptura, quem menos sofre é quem toma a iniciativa.

Porque é que a maior parte dos "doutos" elege como ouvintes tolos encartados?

Será o trabalho uma causa de felicidade ou de infelicidade?

Será preferível à ociosidade, mesmo que monótono ou excessivo?

Porque é que os ricos continuam a trabalhar como se fossem pobres?

A primeira função do trabalho é prover à subsistência do ser humano. A segunda, porventura, prende-se com a aniquilação do tédio, porquanto a quase totalidade dos homens desconhece o modo de ocupar o seu tempo.

Existem trabalhos que são verdadeiros actos de prostituição:

“Se alguém perguntar aos jornalistas americanos ou ingleses se acreditam na política dos jornais em que trabalham, verificará, suponho, que apenas uma pequena minoria acredita; os restantes, para ganharem a vida, prostituem o seu talento ao servirem objectivos que julgam ser nocivos.” (Russell). O mesmo se diga, entre outros, dos políticos enquanto sujeitos à disciplina partidária.

S. Jerónimo, doutor da Igreja ocidental – *tal como Santo Ambrósio, Santo Agostinho e o Papa Gregório Magno* –, essencialmente conhecido por ter sido o tradutor da Bíblia na versão oficial da Igreja Católica, escreveu à mãe de sua filha Eustochium, aquando dos votos desta: “Custa-te que ela escolha ser mulher de um rei – *Jesus Cristo* – e não de um soldado? Ela deu-te um alto privilégio; és agora sogra de Deus.” Uma freira é esposa de Cristo. Poderá este casamento ser dissolvido pelo divórcio?

“O Sol tal como a morte, , não se deixa olhar fixamente.” (La Rochefoucauld). Não será bem assim. Podemos olhar directamente para o Sol, desde que utilizemos o filtro adequado à protecção de nossos olhos. Para a morte, mais do que a ver, basta-nos morrer, morrer para as nossas exigências, para os prazeres e desprazeres do quotidiano. Não a “vemos”, mas vivemo-la e compreendemos a sua essência.

A fraqueza não é um mal sem remédio. Nem sequer é verdadeiramente um mal. É apenas fraqueza, da qual um conjunto de homens sem escrúpulos se aproveita impunemente.

Quem sabe não fala.
Quem sabe algo, pouco fala.
Quem nada sabe, é verborreico e nada diz.

Deixa-me elogiar-te. Mas, não te olvides de mo retribuir...

Os homens são mais dependentes do que as mulheres. Só abandonam um amor ou um casamento quando têm um novo leito que os acolha.

Bastas vezes o ciúme manifestado pelas mulheres é inveja velada por outras mais atraentes e espirituosas.

Precisamos de compreender se a nossa maledicência deriva da malícia ou se é fruto da vaidade. O resultado é o mesmo, mas não o é a intenção.

Os homens indignam-se e revoltam-se contra as injustiças quando estas os atingem, mas são-lhes alheios quando outros são os afectados.

A essência do covarde é o medo. Medo de tudo e medo do próprio medo. Na guerra, os cobardes deixam-se abater com medo de se defenderem da agressão letal a que estão sujeitos.

Envelhecer com sabedoria é uma das últimas artes do homem, apenas suplantada pela que nos faz morrer com serenidade. Esta última, é indubitavelmente a mais excelente dentre elas.

A mente é extremamente indolente. Nunca procura atingir os seus limites. É acomodatória, tal como os órgãos da visão.

Para compreender as paixões temos de compreender a natureza do prazer e da dor. Indeadidamente, identificamos depois o prazer com o bem e a dor com o mal.

O artista é a origem da obra de arte. A obra de arte é também a origem do artista (Heidegger) – *a origem de uma coisa é a proveniência da sua essência, que é o que uma coisa é como é.*

No entanto, quer artista quer a sua obra dependem da arte.

Se com Kandinsky – *Do Espiritual na Arte* -, podemos concluir que a obra de arte é filha do seu tempo e por vezes mãe dos nossos sentimentos, já não estamos certos de que a arte seja uma forma de projectar a luz, nas profundezas do coração humano (Schumann). De uma forma simples e convencional, a arte apresenta-se-nos

como a procura do belo – *se optarmos pela definição de belo, entraremos no círculo vicioso a que nos procurávamos eximir* – e aí terá uma forte componente decorativa. Uma obra bela será aquela para a qual não nos cansamos de olhar ou que podemos escutar sem enfadamento.

A obra de arte – *referimo-nos agora à pintura* – deverá suscitar emoções que não sejam traduzíveis por palavras ou por quaisquer outros símbolos, não relevando aqui as opiniões dos obsoletos críticos, mas a forma como é vivenciada na generalidade.

Heidegger afirma, que as considerações por si tecidas na obra *A origem da Arte*, concernem ao próprio enigma da arte, o enigma que ela é em si mesma. E, não o desvendando, limita-se a constatá-lo.

Um quadro meu é uma improvisação e uma meditação inconsciente do infinito. Não tem outro intento que não seja o plasmado no espaço pictórico, sem princípio ou fim, dominado em regra, pela cor que conduz pela sua profundidade o nosso olhar para a infinitude. E, antes de ser verdadeiramente espiritual, deverá ser decorativo e agradável aos sentidos.

Ao acordar, sem que tal estivesse minimamente destinado ou sequer previsto no meu espírito, retirei da estante um livro de S. Tomás de Aquino, onde li:

“De entre os factores que podem mudar o homem, alguns são fisiológicos e outros psicológicos. Os últimos podem ser sensíveis ou inteligíveis e os primeiros podem ser práticos ou teóricos. Dos primeiros, o mais forte é o vinho, dos segundos as mulheres; dos terceiros, o poder de governar, dos quartos, a verdade. Devem ser subordinados uns aos outros na ordem inversa.”

É preferível estender o nosso conhecimento a um pouco de tudo, do que ter a veleidade de tudo saber de uma parte do todo. A especialização transforma o homem num

asno estereotipado que apenas conhece o caminho para o moinho, transformando-o num invisual da sabedoria.

Concordamos com Pascal quando diz: "Alguns autores, falando das suas obras dizem: "O meu livro, o meu comentário, a minha história, etc.". Cheiram a burgueses com bens de raiz, e sempre com um "em minha casa" na boca. Fariam melhor em dizer: "O nosso livro, o nosso comentário, a nossa história, etc.", visto que de ordinário há nisso mais mérito alheio do que próprio".
Vamos mais longe. Mesmo quando queremos dizer "eu" deveríamos dizer "nós".

O excesso de bens materiais é uma das causas de insónia dos seus possuidores. Em bom rigor, pode o que abunda ter as mesmas consequências desastrosas do que falta ou escasseia.

Os afectos mais profundos, os que se encontram no coração, não permitem a intervenção da razão ou limitam-se a cegá-la.

Porque é que existe alguma coisa em vez de nada? Porque há Deus. "Não há vazio, logo há um Deus" (Pascal). Interessante, mas pouco convincente.

O artista copia a natureza, os objectos exteriores. Os apreciadores desse tipo de arte figurativa não se eximem a gastos imensos para poderem beneficiar da cópia de um modelo que não se dignam admirar e que nenhum espanto lhes causa.

A água corre em regra, na direcção da água, purificando tudo o que encontra no seu caminho. Pena é, que não asseie as línguas maliciosas.

Se estivermos atentos, passivamente atentos, verificaremos que da nossa alma irão emergir todas as motivações ocultas, todos os "segredos".

Estes mesquinhos e hediondos ambiciosos não têm nem terão cura. Deixai que me corrija: irão encontrá-la no féretro, mas mesmo assim, apenas depois de ter sido engolido pela terra fúnebre.

Vivemos numa sociedade excedentária. As nossas casas estão repletas de bens supérfluos.

Se o consumismo tem como consequência a acumulação de bens, a avareza conduz-nos à sua retenção e inerente perda de interesse nos mesmos.

Como são doces as palavras do adulator. Como se tornam cada vez mais doces, enquanto não consegue atingir os seus objectivos. Logo que os atinja ou caso não o consiga, as suas palavras transformam-se no mais horrendo fel.

Um único momento de pânico é susceptível de destruir no homem toda a sua aparente grandeza, projectos, ilusões, desejos e alegrias.

Se os imponentes blocos graníticos dos cumes são os ossos da terra, a água é o seu sangue.

Todos temos a nossa albarda, que não nos pesa por nos termos habituado ao seu jugo.

O progresso é auto-destrutivo.

JOSÉ MARIA ALVES
WWW.HOMEOESP.ORG